

Pedro Nava, o Médico

“Guardei dessa lição só o lado positivo e, apesar das decepções, das amarguras, e das ingratidões que sofri — insisto e me obstino, persevero e me afino no entusiasmo intacto e no amor à nossa profissão. E tenho a mais profunda fé no bem, na purificação e no pentecoste que ela representa para quem a exerceu com sinceridade e na compreensão inteira do que significa O ALTO PAPEL DE SER MÉDICO”.

PEDRO NAVA

PRIMEIRO CONHECI PEDRO NAVA como professor de Reumatologia, em palestras proferidas na Cadeira de Terapêutica Clínica do Prof. J. Romeu Cançado, nas quais a clareza das exposições e o domínio dos temas eram paralelos à elegância da linguagem.

Nava estava ainda empolgado com a abertura de cursos de Reumatologia inaugurados na Faculdade de Medicina de Paris, logo depois secundados pelo da Faculdade de Medicina de Manchester. Em Praga já funcionava há anos e o seu catedrático era Frantisek Lenoch, um entusiasta do ensino da especialidade, fundador da Liga Européia Contra o Reumatismo.

Depois desse primeiro contato, freqüentei o seu serviço instalado na Policlínica do Rio e decidi procurar os cursos europeus com uma bolsa do CNPq. Durante o ano de freqüência nos serviços de Paris, Manchester e Londres, pude partilhar com Nava, durante sua segunda estada em Paris e ao mesmo tempo iniciar o convívio com a impressionante pessoa humana deste médico de erudição enciclopédica, “conversador inimitável e narrador prodigioso, dotes herdados de seu avô paterno” (Baú de Ossos).

De volta participamos do Primeiro Congresso Brasileiro de Reumatologia, realizado em São Paulo e terminado em Poços de Caldas. Depois participamos dos congressos do Rio de Janeiro e Porto Alegre, organizamos o V Congresso Brasileiro em Belo Horizonte; depois em São Paulo, Campinas, Recife, Curitiba, Goiânia e Fortaleza.

Nossa amizade se estreitou mais ainda nas suas visitas freqüentes à sua inesquecível Belo Horizonte, onde conhecia minuciosamente vários logradouros como este que vai pela rua da Bahia, de Afonso Pena até Goitacazes: “Eu conheci este pedaço do belo Belorizonte, nele padeci, esperei, amei, tive dores-de-corno augustas, discuti e neguei... Ali vivi dos dezessete aos meus vinte e quatro anos. Vinte anos nos anos vinte...” (Chão de Ferro).

Essas lembranças ele tinha de reviver quase que anualmente, junto com seu querido Pedroca (Pedro Salles) e outros amigos, entre os quais nos incluímos, eu e minha

mulher Maria Carmen. Tornamo-nos compadres quando foi padrinho de nossa filha Suzana. Em uma das visitas à nossa casa na Avenida João Pinheiro, 571, ele nos revelou que ali fora a Pensão Lima, “em cujas paredes se abrigaram vários poetas, entre os quais Emilio Moura, Ascânio Lopes e agora Sérgio Gama, que quero ser o primeiro a chamar de genial” (Beira Mar, pág.163).

O MEDICO PEDRO NAVA, só fui descobrir lendo e relendo seus livros. Pouco a pouco fui valorizando a sólida formação médica que tiveram os “primogênitos” da nossa Faculdade, a turma de 1927, da qual fizeram parte Pedro Salles, Pedro Nava, Odilon Bherens, Juscelino Kubitschek que, diga-se de passagem, além de ser o político que fez o Brasil avançar “cinquenta anos em cinco”, foi um grande cirurgião, provado nas inúmeras intervenções que praticou durante a revolução de 1932, conforme nos conta seu biógrafo e nosso confrade, Fernando Araújo.

Pedro Nava, no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Medicina (*Separata Brasil Médico*, Ano 71, 1957), dá-nos o seu currículo e o seu conceito do que é ser médico: “Não há nada que não tenha visto em nossa profissão. Formado há 30 anos, fui interno de Clínica Médica, Tisiologia, Cirurgia, Obstetrícia, Ginecologia e Psiquiatria. Fui monitor, estagiário, assistente, chefe de serviço e professor. Aprendi e ensino. Para servir, aceitei por três vezes encargos de administração médica – o que é ato heróico... equivalente ao daquele que se dispuser a caminhar descalço num serpentário! Clínico da roça, fui médico, operador e parteiro.”

Aqui permitam-me relatar a sua estréia no exercício profissional. Logo depois da colação de grau, Nava é designado para erradicar a epidemia de tifo que dizimava a população de Taquaraçu. Após percorrer os 48 quilômetros de estrada de ferro que ligavam Belo Horizonte a Caeté, em cinco horas de viagem... é recebido na estação pelo prefeito Israel Pinheiro e imediatamente convocado para atender uma parturiente que estava “encravada” há três dias. Apesar de suas alegações de não ser parteiro, é conduzido

pelo prefeito até a casa onde sofria a pobre mulher. Encontra-a febril, taquicárdica, em mau estado geral. Ao exame constata as péssimas condições higiênicas e procede à limpeza com água, primeiro, depois com o desinfetante disponível, creolina. O cheiro da diluição em água fervida serviu para atenuar o odor fétido da pobre mulher. Então, passa ao exame ginecológico e pergunta pelo estranho conteúdo que obstrui o canal vaginal e fica sabendo que eram folhas enroladas de mamona: a curiosa acreditava ser “um porrete para fazer saltar fora”, à semelhança do pulo que as sementes desta planta dão quando maduras. Manda buscar um irrigador na vizinha e procede à limpeza cuidadosa da vagina. Seu ajudante, o prefeito, futuro governador de Minas Gerais e construtor de Brasília, é convocado para trazer azeite doce, perfurar a lata com a ponta de um prego em brasa e despejar nas mãos lavadas do parteiro estrepente, para facilitar o toque. Era um parto gemelar; o primeiro feto já havia sido expelido, morto. O segundo estava retido há três dias. Durante o toque, rompe-se uma segunda bolsa e aparecem movimentos no ventre: alívio para o parteiro e para a paciente que, finalmente, expele um feto anencefálico, morto e já bastante deteriorado. Após este bom êxito, Nava recomenda aos responsáveis que levem a parturiente para Belo Horizonte, para ser assistida no serviço da Santa Casa, pois uma infecção puerperal grave era de se esperar. No dia seguinte segue, em lombo de burro, para chegar em três dias em Taquaraçu, queimado de sol, picado de carrapatos, maldormido e mal-alimentado. Em suas palavras, eis como encontrou o primeiro tífido que atendeu: “Foi numa espécie de casa grande de fazenda pobre e em ruínas, tudo aferrolhado, num quarto escuro como breu. Um gemido e um cheiro de trampa guiaram-no para um jirau onde estava siderado um homem de seus quarenta anos. Mandou abrir a janela. À luz que entrou viu corpo tão prostrado que parecia ter sido achatado por um rolo compressor em cima da enxerga imunda. Um colchão de palha empapado de fezes. Nu... Trapos para cobrir. Pegava fogo. Sobre a barriga escavada como as carenas, um embrulho de pano com umidades pardas escorrendo: cataplasma de bosta de boi. Os olhos fundos das órbitas de sombra mal se davam conta do que acontecia. A caveira dando sinal de querer romper a pele ressecada. As ventas entupidas duma espécie de fuligem igual à que fazia escamas sobre os beiços gretados. A boca aberta mostrando a protrusão dos dentes cariados e secos, uma língua de papagaio árida e negra enrolada no fundo das goelas. Deixava sair gemidos que se entrecortavam de

pausas. Hálito fecal. O médico primeiro fez limpar o doente, jogar fora a cataplasma, dar asseio ao cacifro e ao jirau. Pensou um instante em seus tratados: “língua pregada no fundo da boca, o corpo pregado no fundo da cama” – é, era assim, mas havia mais o cheiro, a vista, o real, o flagrante, o contato com a merda. Naquele tempo não se sabia o que era hidratar um doente. Mas, por instinto, o Egon (pseudônimo adotado por Nava a partir do terceiro volume de suas memórias), viu que estava diante de uma espécie de naufrago sedento e mandou que lhe dessem água. Água?, doutor. E pode? Pode sim, façam um chá e vão dando morno ou frio. Com rapadura mesmo. Qualquer folha boa serve. Losna mesmo é bom.”... Depois lavou-se mãos e ante-braços longamente com um sabão fedendo aos seus ingredientes de sebo, de cinza. Desinfetou-se, à falta de álcool, com a aguardente que lhe arranjaram. Ensinou, como queria o Argus (seu ajudante), os circunstâncias sobre os cuidados a serem dados ao doente e os que serviam para cuidar da doença, para evitar o contágio. Pela cara dos que ouviam, ele viu que eram palavras entrando num ouvido e saindo pelo outro. Aceitou o café. Queria-o fraco, sem açúcar e bem fervido. Foi ver ferver... Tomou um copo da palangana amargosa só para matar a sede. Montaram e bateram para outro...” (Galo das Trevas). Ao passar de volta por Caeté, foi até à casa da sua primeira cliente, saber se já tinha voltado de Belo Horizonte. Mas encontrou-a alegre, lavando roupa no tanque e cantando. Não foi preciso ir para a Santa Casa, “estava pronta para outra!...”.

Ao regressar a Belo Horizonte “sentia também como se aqueles dias a cavalo, sol, comida indigesta, cama dura o tivessem amadurecido para a vida médica. Diagnosticara, tratara, prescrevera, aconselhara, prognosticara, ordenara com autoridade sua. Aqueles poucos dias pareciam-lhe ter durado anos. Embarcara como calouro e voltava médico – mais do que quando colara grau –, compartilhara da dor alheia, sujara-se de vômitos, suores, urinas e fezes de seus semelhantes. SENTIA-SE SOLIDÁRIO. SUA VIDA PARTICIPAVA”. “Tivera ocasião de assinar seu nome antecedido do D e do R – Dr – na última linha de seu relatório. PAZ E REPOUSO LHE VINHAM DE TUDO ISTO”.

Voltemos ao seu discurso de posse na Academia Brasileira: “Fui Delegado de Polícia Sanitária e Chefe de Posto Epidemiológico (em Juiz de Fora onde atuou rapidamente e abortou uma epidemia de febre amarela; em Monte Aprazível combateu um surto de malária). Conheço todas as clínicas – a de lombo de burro... a de caminhões fordes

que pratiquei nos cafezais do Oeste Paulista”. E aqui vamos recordar o atendimento que fez a um paciente palúdico. Foi mal recebido depois de horas debaixo de uma tempestade: “O senhor demorou e o doente piorando, piorando... O senhor entra neste quarto.” Não houvera cumprimentos e a recepção não era das mais favoráveis. “Egon meteu-se quarto a dentro... o ar abafado recendia urina, bosta, febre. Numa cama de casado jazia uma espécie de gigante. Era um homem ainda novo, seus trinta e quatro anos, moreno, parecendo fulminado sobre o leito. Um suor viscoso o cobria. Estava todo arroxeadado de cor, cabelos colados, barba crescida fazendo sombra na face. Respirava penosamente numa espécie de sono ruim. O médico abriu um dos olhos e tocou-lhe a córnea perto da comissura: nem piscou. Mais fortemente no outro olho: nenhuma resposta. Pôs a mão aberta largamente sobre o peito do atleta jacente, tirou e viu que deixara uma mancha mais clara que ia se refazendo de cor violeta, lentamente – como se a circulação estivesse mais vagarosa e o sistema venoso paralisado. Pressão arterial completamente achatada. Temperatura axilar a 35,2. O homem só vestia uma calça e o médico mandou que a abaixassem e tomou a temperatura retal: 41 graus. Fígado e baço crescidos sob o rebordo costal. Reflexos abolidos, pulso incontrolável. Informou-se: era um paludado há três meses, os acessos vinham dia sim, dia não, tava tomando quinino sim, mas só quando lhe dava na telha. Era muito teimoso e dizia que ficaria curado com chás e raízes. Ontem sentira-se mal e caíra de tarde com uma tremedeira de quebrar o catre, um febrão que não tinha querido passar. Fora piorando, piorando, e de repente não dera mais sinal de si. Era por isto que o irmão tinha ido buscar o médico. “Acho o caso muito ruim e a vida dele está perigando. Vou fazer o possível e aí vamos ver. Mandem fazer um café muito forte, uma tinta de café, é para cristel. É como eu disse, vamos ver...” – “*Vamos ver não, doutor. O senhor tem de salvar meu filho de qualquer maneira*” – disse um velho de barba de bode, ar ameaçador. Lutando pela sua própria pele. Olhou o velho, olhou os outros três homens e duas mulheres que tinha à sua frente...

A luta começou com uma seringada: um centímetro cúbico de adrenalina, duas ampolas de esparteína e cinco centímetros cúbicos. *O médico teve um aperto no peito e sentiu que empalidecia um pouco. Viu tudo. Quando ele fosse lutar pela vida do paludado estaria lutando pela sua também...* Era um caso de choque palúdico e ele tinha de ser mais rápido que a doença, mais rápido que as injeções e

os clisteres de quinino. Passou-lhe pela cabeça o processo de Jousset, das injeções traqueais, pela rapidez da absorção do sal e a resposta espetacular ao quinino dado nestas condições. *Choque, dizia-lhe uma voz perto do ouvido, choque palúdico, morte certa...* Ele não podia perder tempo. Era fazer a injeção traqueal... Me dêem uma xícara de água fervida... Ele tratou de esfriá-la, passando de copo para copo. Quando ficou em temperatura de corpo, ele separou outro recipiente assim uns cinco centímetros cúbicos, onde despejou um e meio dos papéis que trouxera – cada um com dois gramas de sulfato de quinina. Ia injetar três gramas. Fez baixar o travesseiro até debaixo das espáduas do gigante, fazendo salientar bem o gogó... Veio descendo com a mão esquerda, apalpando até a fúrcula do esterno. Ia enterrar naquele ponto a seringa carregada, quando lhe passaram pela cabeça o Testut e a famosa anomalia de uma comunicação entre as jugulares –fazendo um H na região anterior do pescoço. O tratadista falava da gravidade de sua vulneração... Mas a hesitação foi curta e o médico – perdido por um, perdido por mil – meteu a agulha. Sentiu uma dureza. Procurou mais em baixo, empurrou e deu um suspiro de alívio quando aspirou ar. Começou a injetar devagar. Levou bem uns quinze minutos instilando pouco a pouco, como num conta-gotas. Quando acabou, retirou a agulha num gesto rápido, apertou contra o imperceptível orifício um algodão com iodo, depois limpou com álcool: nem uma gota de sangue, nenhum sinal de sufusão sangüínea sob a pele. A injeção correrá perfeita. Agora passar ao clister...

O Egon sentou-se ao lado da cama – um suor frio a lhe descer pela espinha – e pôs-se a tomar o pulso, pressão, temperatura a cada quinze minutos.

A noite ia se alongando e a chuva ia tamborilando ora espessa ora cerrada na telha-vã daquela casa de caboclo. Uma hora depois da injeção traqueal o homem estava com o pulso perceptível a 110 e sua pressão pôde ser tomada: máxima 9, mínima 7. Para fazer mais alguma coisa, o médico injetou outros cinco centímetros cúbicos de óleo canforado. Com hora e meia a pressão estava a 12 por 7 – absolutamente normal – e o doente abrindo os olhos apalermados... Aos poucos uma sudação abundante e fluida molhou-o como num banho. Molhou-o de atravessar a roupa, de empapar o travesseiro e encharcar o colchão... Afinal o doente pôde engolar umas palavras e pediu de beber. Engoliu sem dificuldade um copázio de leite, outro de água pura, encostou-se e dormiu normalmente. A sudação da defervescência ia passando e duas horas depois da

injeção traqueal o doente tinha 37,5 de temperatura retal e 35 de temperatura axilar. Estava sem febre. ESTAVA SALVO e ELE, Egon, TAMBÉM...”

Nava continua seu discurso: “Conheço a clínica dura do subúrbio carioca e a clínica elegante dos arranha-céus do centro. Entrei em todas as casas, desde a choça do sertão e o barraco dos morros aos solares dos ricos e aos palácios presidenciais. Vi todas as agonias da carne e da alma. Todas as misérias do pobre corpo humano. Todas as dores, todas as suas desagregações e todas as suas mortes. Além de todas as doenças, vi também toda qualidade de doente: o rico e o pobre, o veraz e o fabulador, o amigável e o hostil, o cooperante e o negativista, o reconhecido e o ingrato, o deprimido e o otimista, o realmente doente e o doente imaginário.”

“E vi também os colegas: o santo, o sábio, o heróico, o desprendido, o delicado, o sincero, o altruísta vivendo e tratando os doentes... e o pérfido, o imprestável, o ignorante, o comodista, o rapace, o egoísta, o fariseu.”

“Essa larga experiência humana nascida de trinta e seis anos de convivência com tudo que o nosso semelhante pode dar de mais alto e emblemático e de mais sórdido e vulgar.”

“Guardei dessa lição só o lado positivo e, apesar das decepções, das amarguras, e das ingratidões que sofri — insisto e me obstino, persevero e me afinco no entusiasmo intacto e no amor à nossa profissão. E tenho a mais profunda fé no bem, na purificação e no pentecoste que ela representa para quem a exerceu com sinceridade e na compreensão inteira do que significa O ALTO PAPEL DE SER MÉDICO.”

Ao escrever sobre suas dificuldades no exercício da clínica nos sertões de Monte Aprazível, Nava nos relata que as dificuldades encontradas na sua clínica, “longe de o embrutecerem, mais o profissionalizavam. Ele sabia que quase sempre era ele próprio a última instância, que o doente dependia dele, que ele tinha de chegar a um diagnóstico, saindo desse sinal, desse sintoma, desses sintomas para um conjunto sindrômico, desse para as hipóteses – diagnósticas que tinham de ser esbrugadas uma a uma, de diferença em diferença, a fim de chegar à verdade, ou perto dela, ou à sua vista. Na sua ansiedade adivinhava a teoria de Becher que ele só lia mais tarde e perguntava às vezes ao cliente. ‘Onde está sua moléstia? Diga depressa onde sente que está doente.’ Uns olhavam-no apalermados. Outros não, e diziam: ‘Ninguém me tira de que o que eu tenho é estômago. Ou fígado. Ou pulmão’. ‘Então vamos examinar

outra vez essa víscera.’ E às vezes, muitas vezes, oitenta por cento das vezes, uma sensibilidade profunda fazia o doente acertar a sede da moléstia e partindo daí fazer uma luz acender-se para o médico... *Este diagnóstico laborioso, desarmado de auxílio, era mais doloroso que uma parição. O médico sofria e seu sofrimento o armava de profissionalidade. E como a conversa com os doentes é reveladora! Como todos, mesmo os chatos, se tornam interessantes quando falam de seus males...* Não sabia bem porque, mas destas pessoas (seus professores Ari Ferreira, Galba Moss Veloso, Iago Pimentel...) *é que viera sua mania de conversar com os doentes, de pesar as palavras deles e depois as suas. As suas. Se todo médico só de sê-lo era educador – então tinha de educar. Para isto não dizer nada em vão. Policiar suas palavras porque elas iam ficar gravadas para sempre... A letra de fogo. Então era preciso dizer só a verdade, em sentenças simples e compreensíveis, curtas e precisas, cada uma como um mandamento. Não engolar, não misturar, não ficar pelo meio. Ensinar. Lembrar que na consulta o maior observador é muitas vezes o cliente – de olho no seu médico.*” (Círio Perfeito).

Voltemos ao final do discurso de posse na Academia:

“Não foi só a técnica que adquirimos nessa profunda revolução (por que tem passado a Medicina), mais ainda nos alcançou o divino entusiasmo de que falava Pasteur no seu discurso de posse na Academia Francesa: “*Les Grècs nous ont leguè um des plus beaux mots de notre langue, lê mot ‘enthousiasme’, qui signifie um Dieu interieur.*”

O DESAFIO DAS DOENÇAS REUMÁTICAS

Até metade do século XX as doenças reumáticas eram como “o filho abandonado da Medicina”, como se expressou Snyder. Muitos médicos se sentiam desconfortáveis diante dos pacientes que sofriam as deformações das poliartrites crônicas, que os autores franceses chamam “progressivas”. As inflamações das grandes articulações evoluíam para defeitos acentuados dos joelhos ou dos quadris, causando as claudicações, dificuldades constantes para a vida diária. O acometimento das mãos, das articulações do punho e dos dedos, desviando seus eixos funcionais, ocasionam a atrofia muscular e a impotência, incapacitando para o uso diário. Os processos inflamatórios da coluna vertebral, muitas vezes iniciados na juventude, como que encarceravam os doentes no esqueleto anquilosado. A repercussão dessas deformações sobre a capacidade laborativa leva os pacientes a um estado depressivo e sofrimentos que se acrescentam à dor articular. A cronicidade desses processos é outro

grande obstáculo à vida dos pacientes; os longos tratamentos exigem muita perseverança e levam, freqüentemente, a seu abandono.

A abertura de cursos de reumatologia, nos primeiros anos da década de 1950, pelas Universidades de Paris e de Manchester, que secundavam a de Praga, atraiu o interesse dos clínicos dispostos a lutar contra os males reumáticos. Nava foi um dos primeiros médicos motivados no Brasil. Embarcou para Paris, para freqüentar os serviços inaugurados nos hospitais Lariboisière, Cochin, Tennon e Broussais, serviços de seus confrades De Sèze, Coste, Lièvre e Valery-Radot.

E volta empolgado para divulgar à classe médica patriótica os benefícios agora possíveis para os doentes reumáticos com os diagnósticos mais apurados, novas técnicas radiológicas e laboratoriais, novos medicamentos e outros tratamentos por equipes especializadas. Instala no seu serviço da Policlínica Geral do Rio de Janeiro o ambulatório da especialidade e o anfiteatro para receber médicos e estudantes interessados nas “Conferências de Prática Reumatológica”.

Paulo Penido, seu discípulo desde aquela época, assim descreve aqueles primórdios em *O Anfiteatro*: “Os encontros no Anfiteatro representam um marco na história da Policlínica. Para isso foi de ajuda a agregação das cátedras de Reumatologia da Escola Médica de Pós-Graduação da PUC-RJ e da Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro. Mas, *sem dúvida, o fator principal do êxito do Anfiteatro foi o carisma de Pedro Nava*. Ele atraiu para as reuniões médicos e professores renomados, que pronunciavam concorridas conferências em português, espanhol, francês ou inglês. A predominância era de palestrantes franceses... As apresentações eram publicadas no *Brasil Médico*. Aquela atividade era o coração do Nava, sua grande obra como médico... Não é fácil reunir vinte ou mais médicos todas as quartas-feiras... Graças a Nava reuniam-se ali os integrantes da Liga Pan-Americana Contra o Reumatismo, quando Nava foi seu presidente. A afluência dos participantes decorria da certeza de encontrarem novidades e competência. Os próprios estrangeiros admiravam-se do êxito alcançado por Nava.

Fundador da Sociedade Brasileira de Reumatologia juntamente com os professores Waldemar Berardineli, Décio Olinto e Magalhães Gomes e Herrera Ramos, catedrático da Faculdade de Medicina de Montevideo, entusiasta do ensino e da propagação da Reumatologia na América Latina e com os reumatologistas Waldemar Bianchi e Israel

Bonomo, entre outros pioneiros. Promoveu cursos nas faculdades de Medicina de Minas Gerais, Ceará e Paraíba. Participou de todos os congressos da SBR e de vários da Liga Pan-Americana, tendo sido seu presidente. Foi sócio honorário de inúmeras sociedades de Reumatologia, inclusive da França, Estados Unidos, Portugal, Uruguai, Chile e Argentina.

Divulgou a Reumatologia apostolicamente. Ensinou, aprendeu e inovou ao conceituar os “reumatismos alérgico-bacterianos”, cujo protótipo seria a forma tuberculosa, descrita por Grocco, na Itália, e Poncet, na França. Mas incluiu nesta categoria formas de outra etiologia, para as quais prescreveu o tratamento com as vacinas autógenas.

Para mim é admirável a opção definitiva que Nava fez pela Medicina quando a literatura e as artes plásticas não lhe custariam o sacrifício enorme para secundar seu pai, que também foi médico. Teve de passar por dois internatos, ajudado por um tio, e ao entrar na Faculdade de Medicina teve de enfrentar preconceitos de professores que não aceitavam sua postura agnóstica; um deles chegou a reprová-lo porque não soube dizer o nome químico da urotropina, inibiu-o tanto que, apesar de saber que era hexa-metileno-tetra-amina, não conseguiu falar, perdeu o ano. Além disso, teve de “cavar” um emprego público para poder pagar os estudos já no primeiro ano. E teve de fazer prodígios para conciliar os horários das aulas com os da Secretaria de Higiene e Saúde Pública, onde também era malvisto por freqüentar a roda dos “nefelibatas”, poetas desocupados que ruavam pelas madrugadas e faziam do “Bar Estrela” e do “Bar do Ponto” os locais de críticas e zombarias dos belo-horizontinos provincianos.

Para conseguir acompanhar o curso, especialmente o de Anatomia Humana, lecionada durante três anos pelo excepcional professor Luiz Adelmo Lodi, e poder seguir o *Tratado de Anatomia Humana de Testut*, reunia-se à noite na casa benfazeja do professor Marques Lisboa, lendo o tratado, ou ouvindo, alternadamente com o colega Flávio, durante boa parte da tarde e das noites. Mas este esforço era compensado largamente por poder admirar a irmã do seu colega, sua musa “Persombra”, paixão que tentou ocultar por vários anos – que só pôde declarar “quando já não adiantava mais nada...”. Estudavam, algumas tardes, das duas às seis, e à noite, das oito até às primeiras horas da madrugada; deste modo, conseguiram ler e reler o volumoso tratado cerca de oito vezes! Mas confessa que todo este esforço foi compensado por aquelas horas na casa da mulher dos mais deslumbrantes olhos que já virá!

Sua opção pela Medicina foi maior do que pela literatura e a poesia e consideremos que foi fundador da *Revista*, órgão reconhecido da Revolução Literária de 1922 em Minas, com repercussão fora do Estado, conforme expressou Mário de Andrade. Para este paladino do modernismo no Brasil, o poema *O Defunto*, apesar de “bissexto”, é dos mais altos da nossa poesia. Opinião compartilhada inclusive por Pablo Neruda. Segundo Manoel Bandeira, Nava poderia ter escolhido a pintura: “Há uns quatro ou cinco anos, talvez mais, deu-lhe ao Nava uma espécie de frenesi pictórico e ele retratou magnificamente seu amigo Teixeira. Pintou ainda duas paisagens. Uma era um Portinari, outra um Utrillo. Se insistisse na pintura poderia, um dia, produzir um... Nava!” (*Poesia Completa e Prosa*, Ed. Aguilar).

Mas não, Nava preferiu continuar enfrentando as agruras do aprendizado clínico, compartilhando o sofrimento dos doentes na esperança de poder ajudá-los, curando, aliviando, sempre apoiando e consolando. Difícil o período em que monitorou a disciplina de Anatomia Patológica, lecionada pelo professor Carlos Pinheiro Chagas, recém-chegado dos Estados Unidos e introdutor do método anatomoclínico na nossa Faculdade. A melhor maneira de checar os erros e acertos na clínica é a comprovação pelo exame anatômico, macro e microscópico. Mas requer um preço muito alto do estudante ou do médico que atendeu o paciente até o último momento! Ouçamos do próprio Nava o que foi esta fase básica do seu aperfeiçoamento médico: “De víscera em víscera o nosso mestre passava seu exame, ditando com voz fria e igual os termos padronizados do relatório. Pesava órgão por órgão. Descascava-os (ruído de seda da cápsula renal arrancada), decorticava-os, fazia-os lascas e mostrava a lesão que tínhamos ontem palpado, percutido, auscultado. Este encontrar do doente no cadáver foi minha melhor escola clínica... Terminada a evisceração eu sempre me espantava com o pouco, o nada que ficava. AFINAL É SÓ ISTO? ONDE ESTAMOS NÓS, NÓS MESMOS? A CHAMA DE NÓS MESMOS? PARA QUÊ? PARA QUÊ? AFINAL, TANTO DANO, TANTA CELEUMA... Estava tudo ali, o zero... Agora estava ali o sexo para sempre inútil e seus donos reduzidos ao fim. Os ingleses sabem disso: o morto não é HE nem SHE – fica neutro e vira IT. Coisa...”

Depois destas, gostava de sair só e descer a Avenida Mantiqueira sem companhia. “Seguia pela poeira do logradouro cor de ferrugem e sangue coalhado. Tomava a beira do Parque cujas árvores estavam coroadas no alto

pelo sol começando a descambar enquanto dos seus pés e do chão começavam a subir as sombras. Virava em Afonso Pena, subia Álvares Cabral... e ia para a confluência daquela avenida com Timbiras e Espírito Santo. “Dali olhava o sol imperial descendo na sua glória. Depois das imagens da morte eu tinha necessidade de me sentir vivo ali, vivo e estuante. Respirava fundo, sentia o ar me penetrando docemente, tomava o próprio pulso e percebia que todo eu latejava ritmadamente. Ouvia um burburinho que vinha da Rua da Bahia, doce música de bondes subindo e vagas vozes descargas de auto klaxons distantes. Um perfume de mato subia dos barrancos de Timbiras, aquele fim de rua se esfalando a meus pés. Longe, lá para o Calafate era a chegada maricéu do pôr-do-sol. Havia reentrâncias de continentes de rubimares de aço derretido singrados por galeras doiro. Eu olhava o sol que pulsava e tremia para descer, tirava os olhos, olhava de novo, fechava os olhos e de cada vez, dentro de minha pálpebra, era uma nova estrela azul. Outra, outra, até o rei esconder-se e subir do horizonte a névoa violeta que esbatia os véus superpostos da púrpura e do amaranho. Os céus apaziguados deixavam passar a primeira prata e Vésper luzia. Cheio de mim, de minhas vísceras, EU ERA...” (Beira Mar).

Esta experiência revitalizante, necessária depois de momentos traumáticos como os que passava durante a necrópsia, Nava adotou para a sua vida e aplicou também a seus paciente o método que os médicos gregos empregavam para curar e os ensinou, como nos conta Paulo Penido em *O Anfiteatro*. O aluno estranhou ao ouvir seu mestre aconselhar a uma doente uma cura nas areias de Guarapari e resolveu arriscar uma piada: – “Então o tio comprou um hotel em Guarapari?”. – “Como assim?”, pergunta Nava. – “Se está receitando férias em Guarapari ...”

A resposta veio sem mágoa: – “Você já ouviu falar do Território de Epidauro? Ficavam esses templos em pontos cercados por florestas verdejantes, regados por águas frescas e soprados por ventos favoráveis. Em busca da pureza dos ares, da virtude das águas e da excelência dos lugares, as multidões desejosas de saúde e ávidas de cura acorriam a Pérgamo e a Cós, às portas de Titânia e ao território de Epidauro.” (*Território de Epidauro*. C. Mendes Jr, Rio de Janeiro, 1947.) Paulo, converta esse procedimento numa viagem a um lugar lindo, onde o doente se desliga de suas preocupações do dia-a-dia... É remédio certo para as doenças psicossomáticas, dá sempre certo...

Em 1937, Nava elaborou a tese “Esboço dos Fundamentos Históricos das Especializações no Terreno da Medicina Interna”, cujas conclusões são: “... a evolução médica nos séculos XVIII e XIX constituiu através da criação da anatomia patológica, do processo anátomo-clínico e dos progressos trazidos à cirurgia, – um verdadeiro imperativo para a fragmentação do estudo do indivíduo e para a criação do que chamamos a patologia departamental de órgãos e aparelhos. As reformas recentes da ciência, entretanto, vieram reconduzir o sentido especulativo da medicina contemporânea a um revigoreamento das doutrinas que são, por sua essência, integradoras dos órgãos, aparelhos e funções no complexo único e inseparável do indivíduo vivo, – unidade biológica, que reage de um modo global, por suas funções vitais (...) e que, em qualquer alternativa induzem a considerar o indivíduo humano como um todo inseparável, na exploração de cuja saúde ou de cuja doença, impõem-se mais do que o exame do detalhe local, a avaliação completa do

desequilíbrio geral da economia.” (*Território de Epidau- ro*. C. Mendes Júnior, Rio de Janeiro, 1947.)

Esta lição nos permite vislumbrar como Pedro Nava aplicava integralmente à sua profissão o que sempre lhe valeu pela vida a fora: conviver com a beleza, com a poesia e com a decidida solidariedade para com os que sofrem.

Este, o médico Pedro Nava a quem tive o privilégio de conhecer, que admiro e reverencio. *Penso que o seu exemplo profissional deve ser o norte de quem estiver interessado em ingressar nesta carreira difícil, mas nobilíssima: a Medicina do médico capaz de passar do Território de Morgagni-Laennec, onde se estudam os órgãos e os sistemas, para o território de Epidauro, onde se cuida do Homem de corpo e alma.*

GERALDO GUIMARÃES DA GAMA

Professor sênior da Faculdade de Medicina da UFMG,
Membro emérito da Academia de Medicina de Minas Gerais,
Membro emérito da Academia Brasileira de Reumatologia